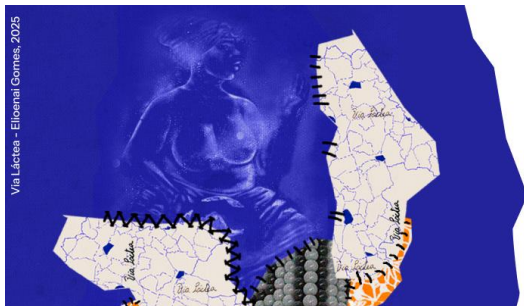




ENTRE MACRO E MICROPOLÍTICAS: A CURADORIA PEDAGÓGICA E OS DESAFIOS DA 14ª BIENAL DO MERCOSUL

BETWEEN MACRO AND MICROPOLITICS: PEDAGOGICAL CURATORSHIP AND THE CHALLENGES OF THE 14TH MERCOSUR BIENNIAL

Kelly Bernardo Martinez¹

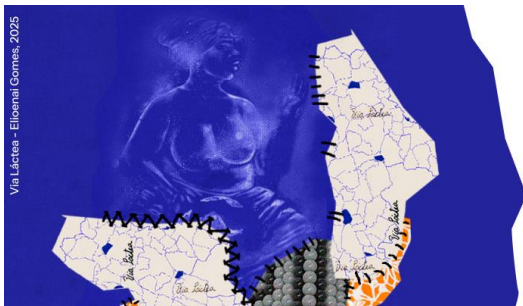
Universidade Feevale

Resumo: Este artigo analisa a 14ª Bienal do Mercosul (2025) à luz do tema “Ensinos das Artes: macro e micropolíticas em movimentos coletivos”, proposto pelo CONFAEB/CONIAE 2025. O objetivo é compreender como a curadoria pedagógica e a mediação cultural se configuraram diante do contexto da enchente de 2024, que adiou a mostra em seis meses e evidenciou a vulnerabilidade estrutural do setor cultural. A pesquisa adota metodologia qualitativa, baseada em análise documental de catálogos, materiais educativos, registros de campo, entrevistas e falas de curadores, artistas e mediadores, além de revisão bibliográfica em autores como Rancière (2009), Bon (2012), Guedes (2017), Ledur (2013) e Loponte (2025). Os resultados indicam que, embora a curadoria pedagógica tenha atuado de forma sensível, valorizando o trabalho dos mediadores e propondo conceitos como estalo, roda e giro, a curadoria geral manteve silêncio em relação à catástrofe, omitindo referências às perdas humanas e culturais. Essa lacuna configurou uma escolha política que reforçou uma partilha desigual do sensível, priorizando discursos globais em detrimento das vozes locais atingidas. Conclui-se que a Bienal explicitou tensões entre macro e micropolíticas: ao mesmo tempo em que evidenciou fragilidades institucionais, reafirmou a potência da curadoria pedagógica como espaço de cuidado, resistência e formação profissional, apontando para a necessidade de políticas permanentes que integrem educação, arte e cultura em diálogo com as urgências contemporâneas.

Palavras-chave: Bienal do Mercosul; curadoria pedagógica; mediação cultural; educação em arte; macro e micropolíticas.

Abstract: This article analyzes the 14th Mercosul Biennial (2025) in light of the theme “Arts Teaching: macro and micropolitics in collective movements,” proposed by CONFAEB/CONIAE 2025. The aim is to understand how pedagogical curatorship and cultural mediation were configured in the context of the 2024 flood, which postponed the exhibition by six months and exposed the structural vulnerability of the cultural sector. The research adopts a qualitative methodology, based on documentary analysis of catalogs, educational materials, field records, interviews and statements from curators, artists, and mediators, in addition to a bibliographic review of authors such as Rancière (2009), Bon (2012), Guedes (2017), Ledur (2013), and Loponte (2025). The results indicate that, although pedagogical curatorship acted sensitively, valuing the work of mediators and proposing concepts such as estalo, roda, and giro, the general curatorship maintained silence regarding the catastrophe, omitting references to

¹Kelly Bernardo Martinez é Mestra e Doutoranda em Processos e Manifestações Culturais, pela Universidade Feevale. Pesquisadora PROSUC/CAPES, é pedagoga e atua há mais de 20 anos em projetos de curadoria pedagógica, mediação cultural e formação docente. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8247744699858669>



human and cultural losses. This omission represented a political choice that reinforced an unequal sharing of the sensible, prioritizing global discourses over the local voices affected. It is concluded that the Biennial exposed tensions between macro and micropolitics: while revealing institutional fragilities, it reaffirmed the potential of pedagogical curatorship as a space of care, resistance, and professional training, pointing to the need for permanent policies that integrate education, art, and culture in dialogue with contemporary urgencies.

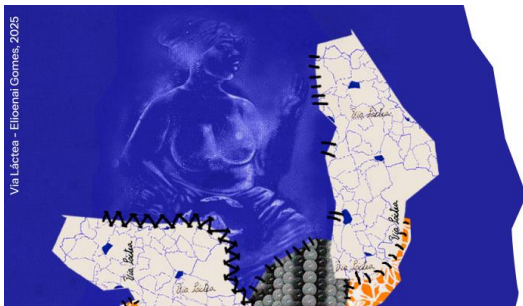
Keywords: Mercosul Biennial; pedagogical curatorship; cultural mediation; art education; macro and micropolitics.

1 INTRODUÇÃO

O ensino da arte no Brasil é atravessado por tensões entre macropolíticas, legislações, diretrizes curriculares e mecanismos de fomento cultural e micropolíticas, representadas pelas práticas cotidianas de professores, mediadores e curadores pedagógicos. Essas duas dimensões, institucionais e cotidianas, se encontram em eventos de grande porte, como a 14ª Bienal do Mercosul (2025), realizada em Porto Alegre após o adiamento provocado pela enchente histórica de 2024. Nesse contexto, a Bienal torna-se um espaço privilegiado para observar como políticas culturais e práticas educativas se entrelaçam, impactando a formação de públicos, a valorização do trabalho educativo e a construção de memórias coletivas.

O problema de pesquisa que orienta este estudo é compreender de que maneira a 14ª Bienal articulou, ou deixou de articular, práticas curatoriais e pedagógicas em diálogo com o contexto de crise climática e de fragilidade institucional. Pergunta-se: como a curadoria pedagógica e a mediação cultural contribuíram para enfrentar os desafios impostos pela catástrofe ambiental? E em que medida a ausência da temática da enchente na curadoria geral revela limites ou escolhas políticas no campo da arte contemporânea?

O objetivo geral é analisar a 14ª Bienal do Mercosul a partir do tema “*Ensinos das Artes: macro e micropolíticas em movimentos coletivos*”, proposto pelo CONFAEB/CONIAE 2025, destacando a relevância da curadoria pedagógica e da mediação cultural como práticas formadoras, políticas e profissionais. Como objetivos específicos, busca-se: (a) examinar as tensões entre macro e micropolíticas na estrutura da Bienal; (b) refletir sobre a atuação da curadoria pedagógica diante da



crise climática e das desigualdades sociais; e (c) avaliar as implicações da ausência de referências diretas à enchente de 2024 no discurso curatorial.

Metodologicamente, a pesquisa se fundamenta em análise documental, catálogos, materiais educativos, notas oficiais, matérias jornalísticas e registros da Bienal, aliada a observação *in loco* em diferentes espaços expositivos e à análise crítica de falas de curadores, mediadores e artistas. O aporte teórico dialoga com autores como Rancière (2009), Bon (2012), Guedes (2017), Ledur (2013) e Loponte (2025), entre outros.

Assim, esta introdução situa o leitor no debate contemporâneo sobre arte, educação e políticas culturais, delimitando o campo de análise, justificando a relevância do estudo e explicitando o percurso metodológico que sustenta as reflexões apresentadas ao longo do artigo.

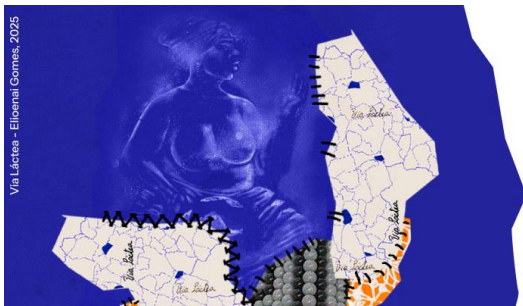
2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Bienal do Mercosul e uma crise climática para superar

A Bienal do Mercosul, criada em 1996 e realizada pela primeira vez em 1997, consolidou-se como espaço internacional da arte contemporânea e de experimentações educativas. A partir da 6ª edição, com a criação da curadoria pedagógica, inaugurou-se um movimento inovador que reconheceu a centralidade do educativo em grandes exposições. Desde então, o projeto expandiu-se para além do período expositivo, incluindo ações continuadas, residências artísticas, programas de formação e inserções no espaço urbano. (KNAAK, 2017). Assim, a Bienal passou a articular tanto macropolíticas, ao inscrever-se no circuito global de bienais e disputar legitimidade internacional, quanto micropolíticas, ao promover encontros, mediações e práticas pedagógicas voltadas ao cuidado com os públicos locais.

Em 2024, a Bienal do Mercosul promoveria a sua 14ª edição, mas em razão da enchente que assolou o Estado do Rio Grande do Sul, a mostra acabou tendo que ser postergada por seis meses², tornando-se um marco simbólico do impacto direto da

² Notícia completa, disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/juliana-publitz/noticia/2024/07/adiada-devido-a-crise-climatica-bienal-do-mercosul-tem-nova-data-definida-clyeebjds006b01619n6xo8v4.html> acesso em 10 de julho de 2024



crise climática sobre a esfera cultural. Muitos espaços inicialmente previstos para abrigar obras foram parcial ou totalmente comprometidos, forçando a curadoria geral a rever conceitos, adaptar montagens e improvisar soluções logísticas. Obras não chegaram, artistas internacionais cancelaram suas vindas e propostas precisaram ser substituídas por registros, vídeos ou performances. O próprio curador-chefe Rafael Fonseca, reconheceu, em encontro presencial³, que “fizemos três bienais diferentes”, tamanha foi a necessidade de reformulação do evento.

A enchente que atingiu o Rio Grande do Sul em 2024 deixou um rastro de destruição sem precedentes. Foram registradas mais de 180 mortes e 25 pessoas permanecem desaparecidas um ano após a tragédia. O desastre atingiu 96% dos municípios gaúchos⁴, impactando tanto áreas urbanas quanto rurais. Além das perdas humanas, milhares de famílias ficaram desabrigadas, e houve danos severos em infraestrutura, economia local e serviços básicos, configurando-se como uma das maiores catástrofes climáticas da história do estado.

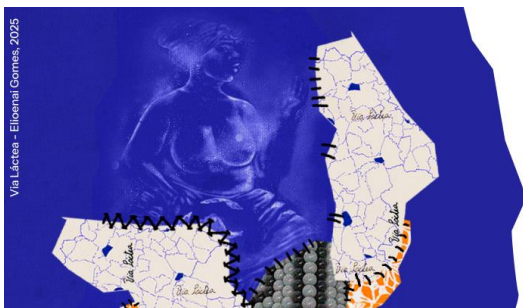
A enchente de 2024 evidenciou que a crise climática afeta não só o ambiente, mas também a economia e a simbologia da indústria criativa. Perdas de acervo, cancelamentos e redução de públicos revelaram a vulnerabilidade das instituições e, sobretudo, dos artistas e trabalhadores da arte, frequentemente em condições precárias. O episódio mostrou a urgência de políticas que integrem cultura e meio ambiente.

2.2 A Curadoria geral e o silenciamento da catástrofe climática

Felipe Veeck (Brasil, 1996), artista visual e ilustrador, desenvolve uma poética que articula referências do cotidiano periférico da Grande Porto Alegre com elementos de memória e afetividade (MEDEIROS, 2025). “Sua obra lida com a percepção da vida cotidiana em Vila Farrapos, na periferia de Porto Alegre” (MEDEIROS, 2025,p.78).

³ Encontro com os curadores, realizado no Espaço Força e Luz, no dia 25 de março de 2025. Mais informações em: <https://www.bienalmercosul.art.br/events/conversa-com-a-curadoria-2>

⁴ G1. Mais de 180 mortos, 25 desaparecidos e 96% das cidades atingidas: o raio-X da enchente que devastou o RS um ano após tragédia. *G1 RS*, 29 abr. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/1-ano-de-enchente-rs/noticia/2025/04/29/mais-de-180-mortos-25-desaparecidos-e-96percent-das-cidades-atingidas-o-raio-x-da-enchente-que-devastou-o-rs-um-ano-apos-tragedia.ghhtml>. Acesso em: 21 set. 2025.



Veeck foi um dos únicos artistas (senão o único) que tratou do tema da enchente, através da obra “Projeto descaso”.

Figura 1 – “Projeto Descaso”, obra de Felipe Veeck, (2025) situada no 4º andar da Casa de Cultura Mario Quintana para a 14ª Bienal do Mercosul

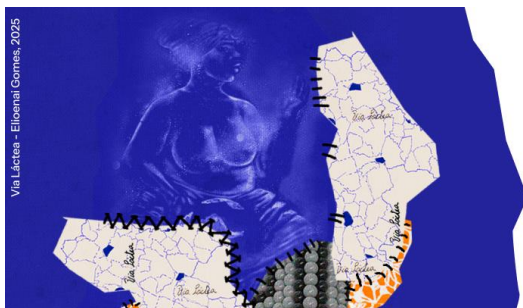


Fonte: Thiele Elissa, disponível em <https://www.facebook.com/share/p/17HJLkHxj1/>

O artista teve oportunidade de comentar sobre a obra em um vídeo⁵, produzido pela Bienal

Sou daqui de Porto Alegre, fui criado ali na Vila Farrapos que é um bairro da Zona Norte que foi profundamente afetado pela enchente. Quando eu recebi o convite para participar da Bienal eu quis fazer um trabalho que falasse sobre a enchente porque foi algo que afetou muito a minha família e alguns amigos meus. Eu conheço gente que perdeu quase tudo que tinha dentro de casa. Eu mesmo tive que sair da minha casa de barco. Eu achei que fazia sentido eu trazer para essa Bienal, que acontece no pós-enchente, um trabalho que falasse sobre as coisas que aconteceram, porque a gente precisa lembrar de nunca esquecer o que a gente viveu. Então eu desenvolvi esse trabalho que se chama “Projeto descaso”. Ele é um desenho digital apresentado no formato lambe-lambe e ele fala basicamente sobre a negligência que aconteceu no enfrentamento da enchente nos bairros mais pobres de Porto Alegre(...)

⁵ O vídeo está disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DJKuDmlhEAY/>



Felipe Veeck, relatando sobre sua obra, em vídeo produzido pela Bienal do Mercosul, 2025

A 14ª Bienal do Mercosul reuniu 77 artistas de 30 países e cinco continentes, configurando-se como uma proposta curatorial internacionalizada⁶. Contudo, apenas 28 desses artistas eram brasileiros, o que corresponde a aproximadamente 36,36% do total. Trata-se de uma presença significativa, mas ainda minoritária em um evento sediado no Brasil. Este dado⁷ suscita reflexões sobre os critérios de seleção e representatividade da curadoria: até que ponto a produção artística local tem espaço em um evento internacional que se pretende conectado com os contextos em que se insere?

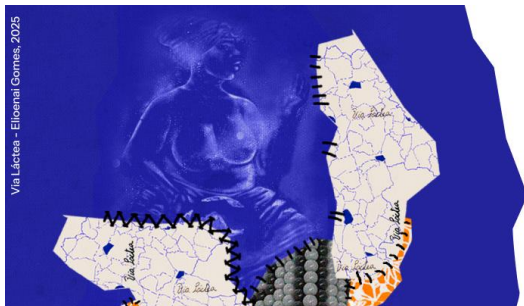
A ausência de artistas locais e de obras que refletissem a experiência coletiva da enchente de 2024 revela um gesto de omissão na 14ª Bienal do Mercosul. O catálogo oficial, embora apresente diversas temáticas, não menciona a catástrofe, mesmo em produções que poderiam dialogar com a devastação ambiental. Esse silêncio, longe de ser neutro, expressa escolhas curatoriais sobre o que se mostra e o que se oculta na memória coletiva.

Para Jacques Rancière (2009), a arte pode ser dominação ou resistência, a depender da partilha do sensível que estabelece. Cada curadoria define quem terá voz, visibilidade e reconhecimento. Ao não dar espaço às vozes locais atingidas pela tragédia, a Bienal reforçou uma partilha desigual: discursos globais foram priorizados, enquanto o trauma regional permaneceu invisível. Assim, a edição evidenciou a tensão entre mostrar e omitir, deslocando a dor coletiva para fora da esfera sensível compartilhada.

A arte contemporânea, ao assumir o compromisso de dialogar com as urgências do presente, constitui-se em espaço privilegiado para tensionar as questões ambientais e climáticas, dimensões que atravessam a vida cotidiana e demandam respostas críticas. Como observa Loponte (2025, p. 55): “uma grande exposição de arte contemporânea, como uma Bienal do Mercosul, é uma oportunidade ímpar para

6 Dados disponíveis em <https://www.bienalmercosul.art.br/bienais/14%C2%AA-bienal-do-mercosul> acessado em 15 de setembro de 2025

7 Este é um levantamento da autora e pesquisadora, que está compondo sua tese de Doutorado em Processos e Manifestações Culturais, pela Universidade Feevale.



confrontarmos ideias, modos de pensar e atuar no mundo, rever a nós mesmos e as nossas certezas”. Tal compreensão exige reconhecer a potência da curadoria pedagógica e da mediação cultural como instâncias que acolhem a experiência estética em sua dimensão sensível, abrindo-se às micropolíticas que se manifestam nos dilemas cotidianos. Logo, uma curadoria construída em diálogo com os públicos pode ser entendida como prática de escuta e de partilha, capaz de ressignificar vivências e permitir que experiências individuais e coletivas reverberem nos espaços expositivos. Nas palavras de Loponte (2025, p. 62)

uma grande exposição a partir de sua curadoria ou das curadorias criadas pelo público pode ajudar, por exemplo, a pensar sobre a complexidade de questões envolvendo gênero e sexualidade, racismo e questões ambientais, bem como a relação que temos com as nossas problemáticas cotidianas.

Essa abordagem torna-se essencial em contextos de catástrofe, como a vivida no Rio Grande do Sul. A curadoria geral poderia ter acolhido a dor coletiva e transformado o trauma em reflexão estética e crítica. Contudo, a 14ª Bienal do Mercosul deixou lacunas ao não incluir referências às perdas humanas, aos espaços culturais atingidos e aos artistas impactados. Essa ausência não é apenas uma escolha temática, mas uma oportunidade perdida de inscrever a arte nos debates sociais e políticos contemporâneos.

O impacto recai especialmente sobre artistas e profissionais já marcados por desigualdades, que enfrentam instabilidade financeira, interrupção de projetos e falta de políticas de proteção. A indústria criativa, reconhecida como estratégica para a economia e o desenvolvimento sustentável, também sofre com a ausência de políticas que articulem cultura e meio ambiente. Refletir sobre a crise climática a partir da esfera cultural é necessidade prática e política para garantir a continuidade da arte e a dignidade de seus trabalhadores.

Figura 2 – Monumento Heróis Voluntários, inaugurado na Orla do Guaíba, em Porto Alegre/RS

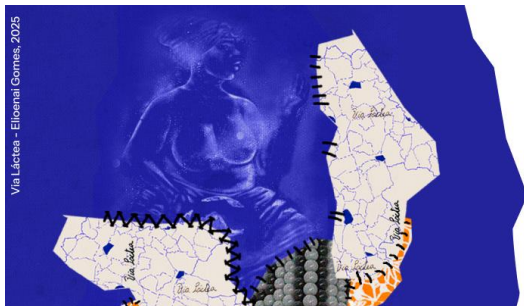


Fonte: Mateus Bruxel / Agência RBS, disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/passofundo/geral/noticia/2024/12/obra-herois-voluntarios-e-homenagem-a-todos-que-atuaram-salvando-vidas-no-rs-cm4jzo33j00nv0126rkzt3j7j.html>

Em 11 de setembro de 2024, foi inaugurada na Orla do Guaíba, junto à Usina do Gasômetro em Porto Alegre, a obra “Heróis Voluntários”⁸, em homenagem aos que atuaram nos resgates durante a enchente de maio, a maior catástrofe climática do RS⁹. Embora iniciativas artísticas públicas tenham mobilizado memória e cuidado, a Bienal do Mercosul não realizou ação semelhante, evidenciando um silêncio curatorial diante do acontecimento.

8 A iniciativa partiu da Federasul e da Associação Comercial de Porto Alegre (ACPA). A escultura, criada pelo artista gaúcho Ricardo Cardoso e produzida pela empresa Merigo Estruturas Metálicas (Nonoai/RS), é feita em aço e representa pessoas e animais sendo resgatados em um barco. O monumento mede 6m de comprimento, 2m de largura, 4m de altura e pesa 3,5 toneladas. Ao lado, há um marco de 1,75m que simboliza o nível da água naquele ponto da cidade, acompanhado de um texto de agradecimento aos voluntários.

9 Matéria completa disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/passofundo/geral/noticia/2024/12/obra-herois-voluntarios-e-homenagem-a-todos-que-atuaram-salvando-vidas-no-rs-cm4jzo33j00nv0126rkzt3j7j.html>

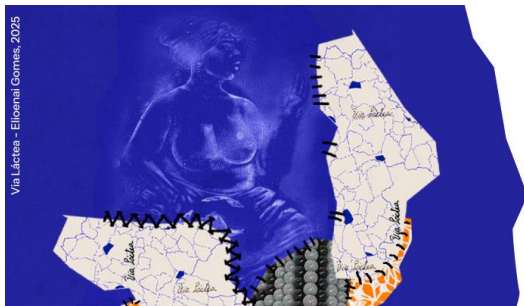


Esta foi uma das obras de arte públicas, alusivas ao evento climático em 2024. Apesar da relevância simbólica e social dessas iniciativas, que mobilizaram artistas, governos e sociedade civil em torno da memória coletiva da enchente, a Bienal do Mercosul não produziu nenhuma ação semelhante. Esse silêncio contrasta com o que se espera de uma curadoria sensível, capaz de considerar os acontecimentos históricos e sociais que atravessam a vida do público. Na perspectiva de Rancière (2009), a partilha do sensível ocorre quando as práticas artísticas e culturais permitem visibilizar experiências e sujeitos que, em condições normais, são silenciados ou invisibilizados. Ao deixar de se articular com a memória das vítimas e dos voluntários da enchente, a Bienal perdeu a oportunidade de constituir um espaço estético-político de cuidado e de resistência, afastando-se de um gesto que poderia ter aproximado arte e vida em sua dimensão mais concreta.

2.3 A Curadoria Pedagógica e a Mediação Cultural em diálogo com a resistência

A Bienal do Mercosul se destaca no cenário brasileiro por ter sido pioneira na institucionalização da curadoria pedagógica, consolidada especialmente a partir da 6ª edição, quando o setor educativo ganhou protagonismo e estrutura própria. Gabriela Bon (2012) observa que, nesse contexto, emergiram expressões como *curadoria pedagógica*, *ação educativa* e *mediação pedagógica*, termos que passaram a dar visibilidade às práticas educativas em exposições de grande porte. Um dos aspectos mais relevantes apontados por Bon é a profissionalização da mediação cultural, compreendida não apenas como atividade auxiliar, mas como prática central na articulação entre público e obra. Para ela, a Bienal constituiu-se em espaço formador de mediadores, ao mesmo tempo em que contribuiu para a ampliação de repertórios do público, consolidando a mediação cultural como campo profissional e de pesquisa no Brasil (BON, 2012).

Esse entendimento converge com a análise de Rejane Ledur (2013), que ressalta como a mediação cultural, no âmbito da Bienal do Mercosul, não se limita à transmissão de informações, mas constitui-se em um enunciador em potencial que atua diretamente na relação entre espectador e obra. Segundo a autora: “A ação da mediação na Bienal do Mercosul constitui-se num enunciador em potencial que atua,



diretamente, na relação do espectador com a obra, influenciando, significativamente, a construção dos sentidos por parte dos alunos” (LEDUR, 2013, p. 182).

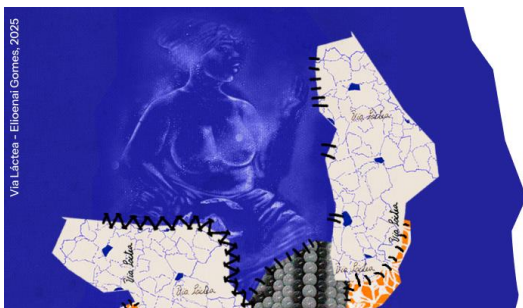
Assim, tanto Bon (2012) quanto Ledur (2013) demonstram que a Bienal do Mercosul se consolidou como espaço de experimentação e reconhecimento da mediação cultural enquanto prática profissional, evidenciando sua potência pedagógica e suas reverberações no campo da educação, da arte e da profissionalização da função de mediador cultural.

À frente da Curadoria Pedagógica da 14ª edição da Bienal do Mercosul, Andréa Hygino e Michele Zgiet estruturaram três conceitos-chave que funcionaram como motores do trabalho educativo: o estalo, a roda e o giro (HYGINO; ZGIET, 2025). *Estalo* simboliza a descoberta sensível e o impacto da arte; *Roda* remete à aprendizagem coletiva e ao diálogo inspirado em práticas afro-brasileiras; e *Giro* traz à tona a valorização do trabalho educativo e a memória dos projetos anteriores da Bienal. Hygino e Zgiet (2025, p. 20) complementam

O projeto pedagógico da Bienal do Mercosul tem afirmado, ao longo dos anos, seu papel formador de profissionais de arte/educação. Atraindo estudantes e professores dos mais diversos campos do conhecimento, o educativo possibilita espaços de imersão e intensa experimentação dentro da rede de instituições culturais da cidade de Porto Alegre, irradiando conhecimentos e práticas que têm impactado o campo da educação museal, da educação com arte e para a arte, em todo o Brasil.

O último conceito mencionado (giro), ao trazer à tona discussões sobre a educação museal e a dimensão invisível do trabalho educativo, que envolve descanso, esforço, remuneração e condições dignas para mediadores, visitantes e instituições, evidencia que a curadoria pedagógica esteve atenta e sensível à valorização do mediador cultural e da equipe educativa como um todo. Ao revisitar a memória dos projetos anteriores e reconhecer a genealogia construída ao longo da história da Bienal, “bem como o que nos escapou” (Hygino e Zgiet, 2025, p. 23), esse movimento reafirma a centralidade do trabalho educativo não apenas como prática de mediação entre público e obra, mas também como campo de atuação profissional que merece reconhecimento, legitimidade e cuidado.

A 14ª Bienal do Mercosul evidenciou as micropolíticas do cuidado ao distribuir mediadores segundo seus territórios de residência, reduzindo deslocamentos e valorizando contextos locais. Essa prática revela uma curadoria pedagógica sensível



às condições de trabalho e ao papel formativo da mediação, que além de aproximar públicos, impulsiona trajetórias profissionais, consolidando a Bienal como espaço de formação e projeção no campo da arte e da cultura.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da 14ª Bienal do Mercosul revela como tensões entre macro e micropolíticas atravessam o ensino da arte. Se por um lado legislações e estruturas institucionais viabilizam grandes eventos, por outro são as práticas cotidianas de professores, mediadores e curadores pedagógicos que dão sentido ao investimento público. Quando essa articulação falha — como na ausência de transporte escolar, na entrega tardia de materiais ou na limitação da acessibilidade digital — o discurso de democratização se fragiliza.

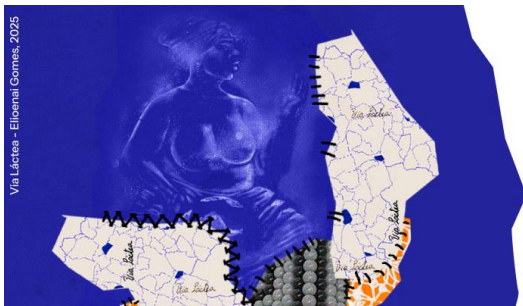
O tema do CONFAEB/CONIAE 2025 encontra na Bienal um exemplo dessas disputas: a luta pelo reconhecimento da mediação cultural como profissão, a necessidade de equipes permanentes e a urgência de políticas de acessibilidade. Mesmo com curadoras pedagógicas engajadas, a 14ª edição expôs fragilidades estruturais após a enchente de 2024, quando a perda de patrocinadores resultou na exclusão de milhares de estudantes, muitos em seu primeiro contato com a arte contemporânea.

Assim, curadoria pedagógica e mediação cultural não devem ocupar lugar periférico, mas central, assegurando continuidade e democratização do acesso. O contraste entre a ausência da enchente no discurso curatorial e sua elaboração simbólica pela mediação reforça a potência da arte como resistência e o desafio de alinhar discursos democráticos a práticas efetivas de inclusão e memória coletiva.

REFERÊNCIAS

BON, Gabriela. *Ação educativa em exposições de arte: um estudo sobre a Bienal do Mercosul*. 2012. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

HYGINO, Andréa; ZGIET, Michele. *O estalo, a roda, o giro*. In: HYGINO, Andréa; ZGIET, Michele; BRAGA, Nathan (orgs.). *Estalo: jogo roleta: estalo: material*



educativo: 14ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2025. p. 64-70.

GUEDES, Betina Silva. *Curadoria pedagógica: a arte como instância de educação na Bienal do Mercosul*. 2017. 254 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

KNAAK, Bianca. *Primeira Bienal do Mercosul: uma exposição para a história da arte na América Latina*. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 26., 2017, Campinas. *Anais [...]*. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p. 2019-2032.

LEDUR, Rejane. *Arte contemporânea e educação: sentidos produzidos por alunos em saídas pedagógicas à Bienal do Mercosul*. 2013. 232 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. *Arte contemporânea, Bienal do Mercosul, escola: e se imaginássemos juntos?* In: HYGINO, Andréa; ZGIET, Michele; BRAGA, Nathan (orgs.). *Estalo: jogo roleta: estalo: material educativo: 14ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul*. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2025. p. 54-63.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução Mônica Costa Netto. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009. 136 p.

G1. Mais de 180 mortos, 25 desaparecidos e 96% das cidades atingidas: o raio-X da enchente que devastou o RS um ano após tragédia. G1 RS, 29 abr. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/1-ano-de-enchente-rs/noticia/2025/04/29/mais-de-180-mortos-25-desaparecidos-e-96percent-das-cidades-atingidas-o-raio-x-da-enchente-que-devastou-o-rs-um-ano-apos-tragedia.ghtml>. Acesso em: 21 set. 2025.

GAÚCHA ZH. Obra “Heróis Voluntários” é homenagem a todos que atuaram salvando vidas no RS. GZH, Passo Fundo, 11 set. 2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/passo-fundo/geral/noticia/2024/12/obra-herois-voluntarios-e-homenagem-a-todos-que-atuaram-salvando-vidas-no-rs-cm4jzo33j00nv0126rkzt3j7j.html>. Acesso em: 21 set. 2025.

VEECK, Felipe. [Sem título]. Produção da Bienal do Mercosul. Vídeo, [duração indisponível]. Porto Alegre: [sem editora], [2025]. Disponível em: [https://www.instagram.com/reel/DJKuDmlhEAY/]. Acesso em: 21 set. 2025.